

ACONTECIMENTO DE FAMÍLIA

GOG

Humberto Werneck

3º Ano — Faculdade de Direito

Quando a mulher, torcendo as mãos, a voz difícil, cabeça derreada, lhe contou enfim que a menina, a única, já não era môça, e contou isso tudo devagar, a coisa lhe custando a sair, o homem pensou primeiro foi na idéia da morte. Imaginou engasgado que ia morrendo, que ia aos poucos morrendo, mãos, pernas, o resto. A velha, que conhecera bem antes o ocorrido, conhecimento que muito lhe custara, carregou com a filha para a casa de uns parentes. Passado o momento do choque o homem sentiu uma precisão de quebrar tudo, e dêsse rompante não ficou coisa inteira na casa. A vizinhança espantada nas janelas: é hoje. Todo mundo sabia — na rua, tirando o chapéu para os conhecidos, êle certamente é que não sabia de nada. Alguns tinham até presenciado (numa noite, sabe?, depois que os pais foram dormir, foi assim e assim) e só agora é que contavam com a bôca inteira, sabedores, testemunhas de dentro do quarto, debaixo da cama, os mínimos detalhes, e o sedutor saindo (do guarda-roupa?), olhos verdes, bigodinho, um metro e setenta. Dependurados nas janelas apagadas, olhos acesos e ouvidos captando a sensação do acontecimento, o pai que gritava, que gritava muito e alto, aos arrancos, o nome da filha. Ninguém no entanto que se metesse: que era coisa séria, assunto de honra, de honra de família.

Depois estalou pesado na cadeira de balanço e perdeu a noção do tempo e de tudo. O padeiro veio todos aquêles

dias, deixava o embrulho na soleira — o cachorro apanhava sorrateiro e descia a rua. A mulher então esquecida, na rua, na igreja, mesmo ali na igreja quando os joelhos penitenciavam a alma de todos os pecados seus e do marido e da pobre filha, mesmo ali era mãe de môça falada, o ôlho vermelho de Deus pesando em cima dela, mãe descuidada, mãe de môça falada: perdão, Senhor. Junto ao fogão, na véspera dos sapatinhos de lã, sentiu que envelhecia depressa.

Tantos dias esperou o homem que a filha voltasse. Na cristaleira, no meio das coisas do seu casamento, ficaram, de puro desgosto, o maço de cigarros, a binga parecendo bala de canhão: êle, mão sôbre o livro santo, nunca mais havia de fumar. Um dia, nem sabe como, perdeu o ânimo de tudo. A filha entrando, maleta na mão, passou por êle sem suspender a vista, nem ôi. De repente foi como se todo o trabalho da vida lhe pesasse muitos anos no ombro. Êle para sempre ficaria no bar, os olhos à beira do copo. Às vêzes, quando as coisas lhe doíam muito, largava a janela e espantava o chôro com um gesto, feito quem espanta môscas. A filha trancada no quarto, no que será que pensava? Uma barriga cresciam imensa no pesadêlo do pai. Na luz da cozinha as roupas se faziam com vagar, dos dedos precisando de nôvo aprender o officio de há tanto tempo.

Um dia: quem que viu o rapaz, e aonde? Nunca mais apareceu, tinha olhos verdes e bigodinho, quem o tivesse visto na sala, perguntando coisas e ouvindo sério, não haveria de dizer. Oh, mas era a vida, falavam. O velho se balançava com o silêncio e as lembranças na cadeira da sala, na cristaleira o maço e a binga. Era a vida, quem que haveria de dizer. De repente dormia.

Uma noite a môça gemeu, veio a mãe, vizinhas apareceram. Os gemidos agora mais altos, vozes, quem sabe se as mulheres rezavam? A cadeira ia, vinha, de nôvo parava. Quando foi de madrugada um chôro destampado — menino ou menina, meu santo?, êle na sala teve um estremecimento, um instante só, logo a cadeira recomeçou no seu ritmo, o homem levantou-se para apanhar os cigarros, a binga.